

Inflação de planos de saúde no Brasil em perspectiva comparada

Helena Arruda^a, Júlia Batista^a, Leonardo Rosa^b, Rudi Rocha^a, Vinícius Peçanha^a

^a Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS) ^b Magie

Resumo

- O crescimento dos preços dos planos de saúde no Brasil tem superado consistentemente a inflação geral, com aumentos acumulados que chegam a ser o dobro do IPCA entre 2006 e 2024. Esse fenômeno reflete tanto aspectos regulatórios e demográficos quanto fatores estruturais do setor que ampliam a pressão sobre os custos dos serviços médicos.
- A análise comparativa internacional mostra que o Brasil está entre os países com maior aumento nos preços dos planos de saúde, superando a inflação geral em maior grau do que em países como Alemanha, França e Estados Unidos. Apenas alguns poucos casos, como Colômbia e Espanha, apresentaram padrões semelhantes de alta nos custos da saúde suplementar.
- O aumento acelerado dos preços dos planos de saúde levanta preocupações sobre acesso e sustentabilidade do setor, podendo resultar na exclusão de consumidores e na ampliação da pressão sobre o Sistema Único de Saúde (SUS). Políticas regulatórias e estratégias de controle de custos, em particular aquelas que se concentram sobre ineficiências do setor e assimetrias de informação entre planos e prestadores, serão fundamentais para garantir a sustentabilidade da saúde suplementar bem como a proteção dos beneficiários no Brasil.

1. Introdução

Os preços de planos e serviços de saúde no Brasil têm apresentado um crescimento contínuo e, frequentemente, ocupam espaço no debate público devido aos impactos diretos sobre beneficiários. Com o envelhecimento da população, espera-se que os gastos com saúde se tornem uma parcela ainda mais significativa do orçamento das famílias,¹ intensificando desafios relacionados ao acesso à saúde e à sus-

tentabilidade do setor privado de prestadores, planos e seguros de saúde.

Esta nota técnica busca analisar a trajetória dos preços dos serviços de saúde privada no Brasil e compará-los com padrões internacionais. Entender as tendências de preços no setor de saúde privada em perspectiva comparada é essencial para analisar em que medida a variação dos preços no Brasil reflete fatores específicos do mercado interno ou se está alinhada a tendências globais de alteração dos custos da saúde.

1 As famílias tiveram gastos com bens e serviços de saúde equivalentes a 5,7% do PIB em 2021. Um crescimento de 1,3 pontos percentuais em relação ao registrado em 2010 segundo dados da Conta-Satélite de Saúde do IBGE.



A saúde suplementar, responsável por atender 51 milhões de beneficiários (cerca de 25% da população) através de planos e seguros de saúde, desempenha um papel relevante nessa equação, e sua evolução de preços pode refletir tanto fatores econômicos mais amplos quanto particularidades regulatórias e institucionais. Estudo recente do Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS) destaca desafios estruturais do setor. Estes incluem regulação, competição e modelos de pagamento, que afetam a formação de preços e a eficiência do sistema (IEPS, 2024). Ao comparar o Brasil com outros países, é possível ainda identificar tendências comuns e aspectos específicos que podem estar impulsionando o aumento dos preços no país.

2. Metodologia e Fontes de Dados

Para analisar a evolução dos preços dos serviços de saúde no Brasil, utilizamos dados do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O IPCA é o principal indicador da inflação no país e permite acompanhar a variação dos preços de diferentes bens e serviços, incluindo os do setor de saúde. Para esta análise, consideramos especificamente os subgrupos que compõem a categoria “Saúde e Cuidados Pessoais”, com destaque para “planos de saúde”.

Para a comparação internacional, selecionamos países de acordo com a disponibilidade e consistência de dados. Por exemplo, para os países da OCDE, os dados do Chile não foram encontrados. Além disso, optamos por países que têm sistemas de saúde em que o setor privado desempenha um papel ativo e não apenas residual na oferta de seguros. A comparação entre países foi realizada a partir de dados do Consumer Price Index (CPI) da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) para economias selecionadas e o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Colômbia, conforme metodologia descrita pelo Departamento Administrativo Nacional

de Estatística (DANE). O CPI da OCDE permite avaliar a evolução dos preços de serviços de saúde em diferentes países, padronizando as metodologias para garantir comparabilidade entre os países analisados. Da mesma forma, o IPC colombiano adota a nomenclatura COI-COP (Classification of Individual Consumption According to Purpose), utilizada internacionalmente e recomendada pela OCDE. Assim, embora possam existir diferenças em relação às ponderações dos itens adotadas em cada país, eles incluem categorias similares. Essa abordagem possibilita identificar tendências comuns e variações específicas associadas a diferenças na estrutura dos sistemas de saúde.

Além da análise descritiva da evolução dos preços ao longo das últimas quase duas décadas, buscamos entender a relação entre os aumentos nos preços da saúde e a inflação geral em cada país. Esse exercício ajuda a determinar se os custos dos serviços de saúde crescem de maneira desproporcional em relação ao custo de vida.

3. Evolução dos Preços no Brasil

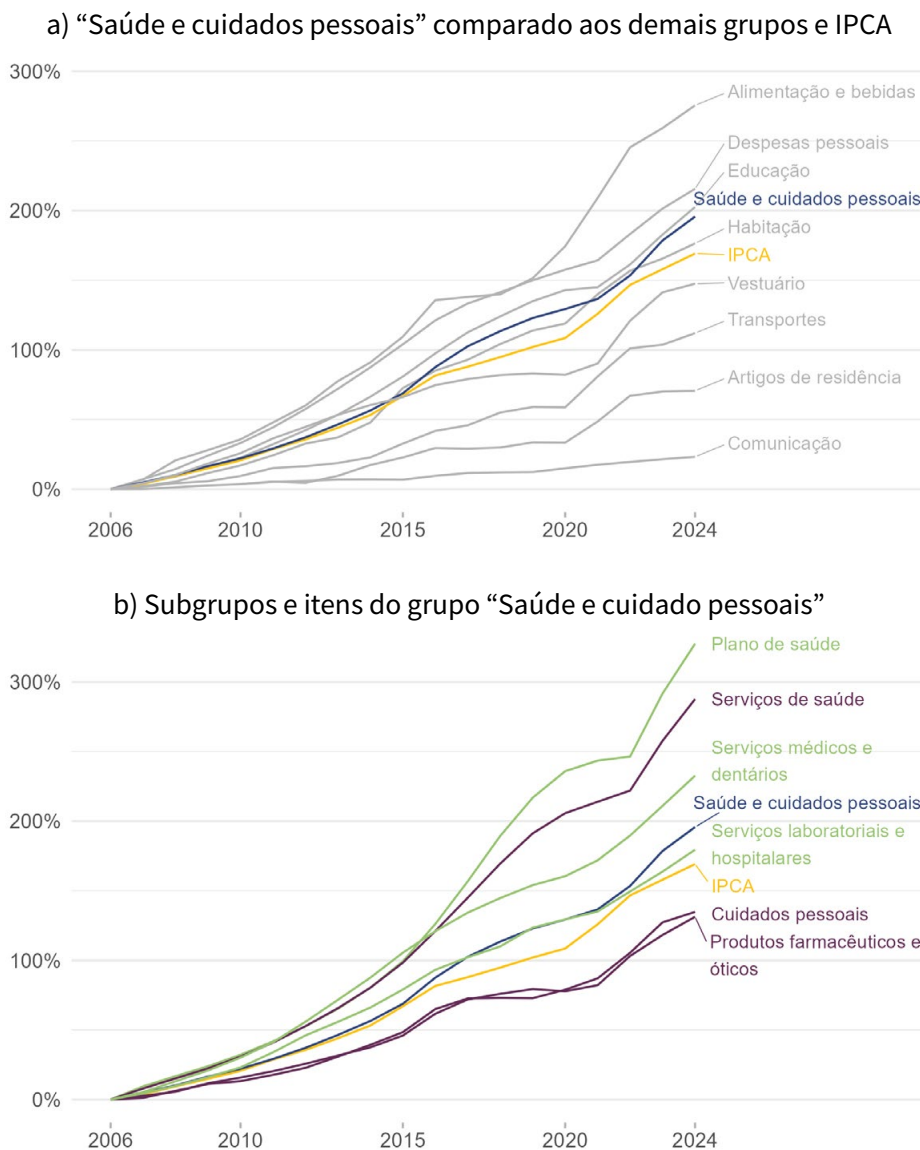
A Figura 1 mostra uma análise dos preços no Brasil entre 2006 e 2024. No painel A apresentamos a evolução agregada do IPCA assim como a evolução de subcategorias que o compõem. A figura revela uma tendência comum de crescimento, com algumas categorias apresentando aumentos acima da inflação geral. De acordo com os dados do IBGE, o IPCA acumulou uma alta de aproximadamente 170% no período, e o grupo “Saúde e Cuidados Pessoais” cresceu em ritmo semelhante. Outros setores da economia apresentaram aumentos ainda mais expressivos no mesmo período: o grupo “Alimentação e Bebidas” e “Educação” cresceram a taxas superiores à média da inflação geral, enquanto o grupo “Habitação” também teve aumento próximo ao do IPCA.

Considerando o foco em Saúde, abrimos no painel B os subgrupos que constituem o grupo de “Saúde e Cuidados Pessoais”. Enquan-

to este grupo cresceu em ritmo semelhante à média do IPCA no período analisado, os preços de “Serviços de Saúde” aumentaram em ritmo maior, crescendo quase 300%, ou 120 p.p. a mais do que o IPCA. Finalmente, analisamos os itens que mais contribuíram para o aumento neste subgrupo. Em particular, os planos de saúde registraram um crescimento de cerca de 327%, quase o dobro do IPCA, tornando-se um dos principais fatores que pressionam os

custos do setor. Os preços de “Serviços Médicos e Dentários” cresceram mais próximos à média do grupo “Saúde e Cuidados Pessoais”, enquanto os “Serviços Laboratoriais e Hospitalares” tiveram um aumento mais moderado. Em resumo, os dados sugerem que a alta dos preços na saúde não se distribuiu de maneira homogênea entre os diferentes serviços e produtos, e que os planos de saúde foram responsáveis por boa parte desse aumento.

Figura 1. Variação de preços dos componentes do IPCA entre 2006 e 2024 para o Brasil



Notas: O Painel A mostra uma decomposição do IPCA por grupos. O grupo “Saúde e cuidados pessoais” está em azul escuro e os demais em cinza. O IPCA está representado pela cor amarela. O Painel B mostra os subgrupos do grupo de “Saúde e cuidados pessoais”: Produtos farmacêuticos e óticos, Serviços de saúde e Cuidados pessoais. Além disso, mostramos em verde os itens que compõem o subgrupo de Serviços de Saúde: Serviços médicos e dentários, Serviços laboratoriais e hospitalares e Plano de saúde, destacados em verde claro.



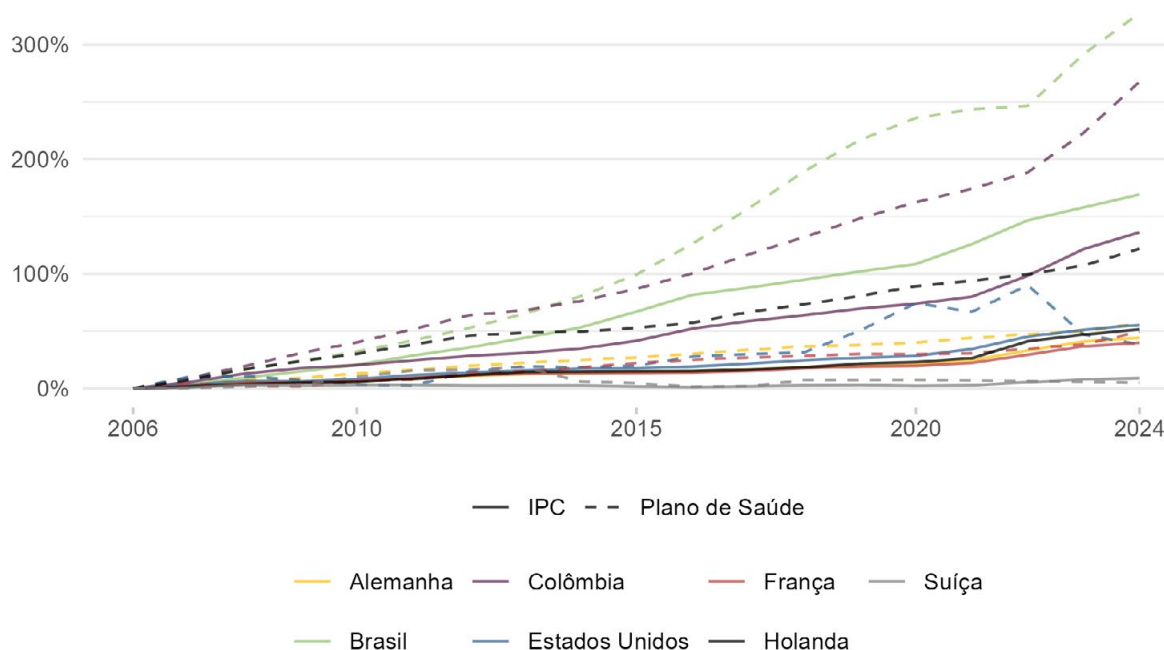
4. Comparação Internacional

Realizamos na Figura 2 uma análise internacional comparativa entre 2006 e 2024. A análise dos preços da saúde em diferentes países indica que o aumento dos custos nas últimas décadas não é exclusivo do Brasil. Dados do Consumer Price Index (CPI) da OCDE mostram que os preços de planos de saúde cresceram acima da inflação geral nas demais economias analisadas. No entanto, a magnitude desse crescimento variou, sendo o Brasil um dos casos em que a alta dos preços foi mais acentuada. Dentre os países analisados, a Suíça apresentou a menor variação em relação a planos de saúde no período.

Considerando que a estrutura etária é um fator importante na composição dos preços de saúde, comparamos como a variação de preços de planos de saúde se correlaciona com a proporção de idosos na população na Figura 3. Notamos que dentre os países analisados a Colômbia é o que tem um percentual de população idosa (65 anos ou mais) mais similar ao do Brasil² - 10,6% no Brasil e 9,3% na Colômbia, em 2023 - e também é o país que apresentou aumentos mais similares nos preços dos planos em comparação à inflação geral. Já os outros países selecionados, especialmente os europeus, apresentam populações mais enve-

² Dados obtidos do World Bank Group Data em: <https://data.worldbank.org/indicador/SP.POP.65UP.TO.ZS>

Figura 2. Variação dos preços de planos de saúde e índices de preços entre 2006 e 2024 para países selecionados.



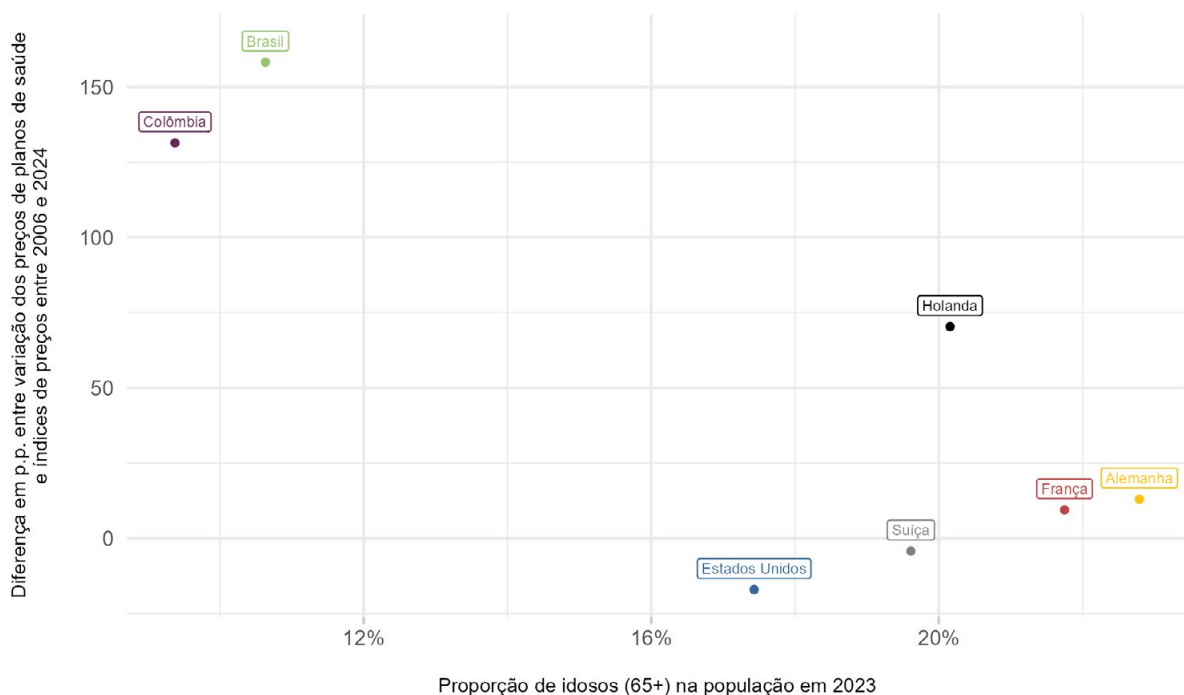
Notas: A figura apresenta a variação dos preços de planos de saúde em comparação com os índices gerais de preços (IPC) entre 2006 e 2024 para países selecionados. Os dados brasileiros foram obtidos a partir do IPCA (IBGE), enquanto as séries internacionais foram extraídas do Consumer Price Index (CPI) da OCDE e do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Colômbia (DANE).



lhecidas e um padrão mais disperso de diferencial de crescimento de planos em relação ao índice geral: enquanto na Holanda os preços dos planos cresceram bem mais do que o índice geral de preços, na França e na Alemanha esse crescimento foi menor, não ultrapassando 15 pontos percentuais de diferença, e na Suíça o aumento foi moderado e pouco menor

que o crescimento do índice de preços. Por outro lado, os Estados Unidos, que também possuem uma alta taxa de idosos na população, destoam dos demais por ser o país com a menor diferença entre o crescimento dos preços dos planos de saúde e do índice geral, além da importância da cobertura privada no país, onde o setor privado é predominante.

Figura 3. Diferença em pontos percentuais entre a variação dos preços de planos de saúde e índices geral de preço entre 2006 e 2024 e a proporção de idosos para em 2023 para países selecionados



Notas: A figura apresenta a diferença em pontos percentuais da variação dos preços de planos de saúde e os índices gerais de preços (IPC) em países selecionados no período de 2006 a 2024 e a proporção de idosos na população em 2023. Um valor positivo na diferença em pontos percentuais entre os índices de inflação de saúde e o geral, por exemplo, indica que os preços dos planos de saúde cresceram mais rapidamente do que a inflação geral no país. Além disso, o fato da diferença estar em pontos percentuais mostra como os níveis dos dois índices diferiram. Os dados de inflação foram obtidos a partir do IPCA (IBGE) para o Brasil, do Consumer Price Index (CPI) da OCDE para os demais países e do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Colômbia (DANE), e os dados da proporção de idosos na população foram obtidos no World Bank Group Data.

6. Considerações Finais

Os dados analisados sugerem que os preços da saúde no Brasil têm seguido um padrão de crescimento sustentado ao longo das últimas duas décadas, com destaque para os planos de saúde, que se tornaram significativamente mais caros e com aumentos que superam a

inflação geral. Esse comportamento pode ser atribuído a uma combinação de fatores, incluindo incorporação de tecnologias mais caras e custos crescentes dos serviços médicos, reajustes autorizados pelos órgãos reguladores e ineficiências regulatórias, ineficiências na



estrutura de comercialização e pagamento dos serviços de saúde suplementar, mudanças demográficas e epidemiológicas que aumentam a demanda por assistência médica, e tendências e flutuações cíclicas induzidas pela atividade econômica e por eventos extraordinários como a pandemia da Covid-19 (IEPS, 2024).³

O aumento dos preços dos serviços de saúde tem implicações diretas para os consumidores, especialmente considerando o envelhecimento da população,⁴ que traz mudanças tanto no tipo de uso quanto na quantidade de uso de serviços e planos de saúde dos beneficiários. Com a elevação dos custos dos planos de saúde e dos serviços médicos, uma parcela cada vez maior das despesas de empresas com seus planos corporativos e do orçamento das famílias que utilizam a saúde suplementar tende a ser direcionada para despesas com saúde, tornando o acesso a esses serviços mais oneroso.

Embora o crescimento dos preços na saúde seja um fenômeno observado em muitos países, o caso brasileiro se destaca pela magnitude dos aumentos, especialmente no segmento de planos de saúde. O fato de que outras economias também enfrentam desafios semelhantes sugere que a elevação dos custos pode ser parcialmente explicada por fatores estruturais e tecnológicos globais. No entanto, a disparidade dos preços no Brasil em relação à inflação geral sugere que elementos específicos do funcionamento do sistema de saúde suplementar no país contribuem significativamente para essa tendência.

A elevação dos preços dos planos de saúde acima da inflação também levanta questões

³ Em análise de decomposição realizada pelo estudo para comparar custos por beneficiário na saúde suplementar entre os anos de 2016 e 2022, os resultados sugerem que do aumento total do custo, 57% foram devidos ao aumento nos preços, enquanto 43% são explicados por um aumento na frequência de utilização.

⁴ Ao ritmo atual, o percentual de idosos na população brasileira deverá superar o percentual de crianças por volta de 2031 (IEPS, 2023).

sobre a sustentabilidade do modelo de regulação do setor e os desafios que consumidores e empregadores enfrentam para manter a cobertura. Esse crescimento acelerado pode resultar na exclusão de parte da população do mercado de saúde suplementar, pressionando ainda mais o Sistema Único de Saúde (SUS) – que se encontra cronicamente subfinanciado e sem perspectivas de aportes adicionais de recursos no horizonte.

7. Referências

MREJEN, Matías; NUNES, Letícia; GIACOMIN, Karla. Envelhecimento populacional e saúde dos idosos: O Brasil está preparado. São Paulo: Instituto de Estudos para Políticas de Saúde, 2023.

Instituto de Estudos para Políticas de Saúde & Umame. (2024). Setor Privado e Relações Público-Privadas da Saúde no Brasil: Em Busca do Seguro Perdido. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos para Políticas de Saúde. <https://ieps.org.br/setor-privado-relacoes-publico-privadas-saude-volume-unico/>

Instituto de Estudos para Políticas de Saúde

Arruda, H., Batista, J., Rosa, L., Rocha, R., Peçanha, V. (2025). Inflação de planos de saúde no Brasil em perspectiva comparada. Nota Técnica n. 37. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos para Políticas de Saúde.

IEPS.ORG.BR